

O BESTSELLER INTERNACIONAL

# Os Irmãos de AUSCHWITZ

*A história real e comovente  
de uma família separada pelo Holocausto*



«Um romance emocionante baseado na história verídica de dois irmãos que sobreviveram aos campos de concentração nazis e às marchas da morte, e que depois da guerra se estabeleceram em Israel.»

HISTORICAL NOVEL SOCIETY

TOP  
SEL  
LER

MALKA ADLER

*Dedico este livro a  
Israel, Leora e Avi  
Ravit, Yonit e Hadar*

# Prólogo

*Israel, 2001*

*7h30, com um frio de rachar*

Estou na plataforma da estação de comboios de Beit Yehoshua, embrulhada num enorme casacão preto. Tenho um encontro marcado com o Dov e o Yitzhak em Nahariya. Houve uma altura em que o Yitzhak dava pelo nome de Icho, e o Dov pelo nome de Bernard. O Yitzhak tem 75 anos e ainda consegue pegar num bezerro ao colo. Ainda é um homem forte. Aos seus 76 anos, o Dov é mais alto do que o Yitzhak e gosta de bolachas de cacau, de ver televisão e de paz e sossego. Ambos são casados, o Yitzhak com a Hannah, uma mulher bondosa, e o Dov com a Shosh, igualmente bondosa.

A chuva já não cai como se arranhasse, como uma dor. Primeiro, choveu intensamente, com abundância, passando depois a uns pingui-nhos. Os ramos das árvores inclinam-se para o solo com indiferença. *Chhhh*. Os topos dos eucaliptos balançam de um lado para o outro ao sabor do vento, e eu já estou novamente com vontade de urinar. O altifalante anuncia a chegada do próximo comboio. A luz do candeeiro estremece. Dentro de duas horas, vou encontrar-me com o Yitzhak e o Dov. O Yitzhak já deixou de empurrar o destino. E o Dov nunca o fez, nem sequer noutros tempos. O Dov irá servir-nos um ótimo café, com bolachas de cacau e passas.

*Pum. Pum. Pum.*

Um homem de sobretudo dispara sobre o comboio que se aproxima. *Pum. Pum. Pum.* De boina descaída para um dos lados da cabeça, ergue um guarda-chuva preto e dispara. Tem a cara sulcada por rugas cavadas — a testa, as faces, o queixo, até o nariz. As rugas são tensas, como se alguém lhe tivesse colocado um elástico grosso sob a pele e o tivesse esticado ao máximo, quase o partindo. O homem dá uns passos rápidos, agitando os braços de um lado para o outro como se estivesse a afastar um enxame de moscas ou de outros insetos — ou de pensamentos dolorosos —, e dispara, com o guarda-chuva erguido ao alto, apontando para os eucaliptos e para o comboio, berrando: *Pum-pum. Pum-pum. Pum.*

Olho-o nos olhos, ouvindo-o a berrar: *Pum. Pum. Pum. Pum. Pum.*

Passo ao seu lado, e ele manda-me parar. Pare. Depois, aponta e dispara. *Pum-pum. Pum. Pum. Pum.* Estão todos mortos, diz, limpando as palmas das mãos às calças, já velhas. Eu tusso e ele franze o sobrolho, esticando o queixo e mordendo o lábio, como se dissesse: Eu avisei-vos, não avisei? Vocês estavam a pedi-las, seus tarados! A seguir, sopra três vezes para a extremidade do guarda-chuva, *fu, fu, fu*, sacode uns grãos de poeira imaginários das abas do sobretudo, endireita a boina e volta para o centro da plataforma. Para a frente e para trás. De um lado para o outro, mantendo as mãos num gesto de ataque.

Os soldados já se habituaram àqueles disparos das sextas-feiras, à enorme raiva que explode na plataforma a partir das 7 horas.

Toda a gente sabe que este homem vem de bicicleta de Even Yehuda. Seja verão, seja inverno, aparece todas as sextas-feiras. É uma presença constante. Os comboios chegam e partem, e ele aqui fica até depois do meio-dia, a disparar sem um momento de descanso. No verão, usa uma bengala. As pessoas dizem-lhe: Coma, beba, descanse, porque assim cansa-se, vá para casa, não vale a pena, mas ele está metido no seu mundo. Todas as sextas-feiras às 7 horas — deve ter uns 70 anos, talvez menos —, vem disparar para a plataforma, envergando um fato sujo, com o cabelo branco em desalinho. E todas as sextas-feiras se vai embora na bicicleta ao meio-dia e meia em ponto. A funcionária da bilheteira fala dele a toda a gente. É uma funcionária palradora, uma

mulher gorda, de franja loura e cabelo preto. O homem não usa relógio. Na parede da estação, há um relógio, mas o homem posiciona-se de costas para ele. Não precisa de ver as horas: já as sabe. Está a preparar o sabat para os seus mortos.

A plataforma da estação de Beit Yehoshua é muito parecida com as plataformas de Auschwitz, explica-nos a funcionária da bilheteira, e faz-se silêncio em redor. Foi em Auschwitz que o homem tocou na família pela última vez, como diria o Yitzhak; depois, levantaria o chapéu e perguntaria, aos gritos: Porque é que os judeus esperam em plataformas? Não há autocarros? Às vezes, temos de ir em pé num autocarro... Pronto, então um táxi. Os táxis são caros. E o que importa isso? Ele recusa-se a esperar em plataformas. O Dov começava a tossicar quando o Yitzhak se irritava com alguma coisa. Depois, remetia-se ao silêncio. Eu não lhes dava atenção. Olhava para o Yitzhak, depois para o Dov, e ligava o gravador. O Yitzhak perguntava-me com veemência: E tu, porque é que esperas numa plataforma? Porque é que não apanhas um táxi?

Os eucaliptos imobilizaram-se. A funcionária da bilheteira está a falar do Yajec com um cliente. Tem de ser rápida para evitar que o recém-chegado grite com o homem. Todas as sextas-feiras ela o protege. Todas as sextas-feiras aparecem pessoas que não sabem quem ele é, que nunca ouviram o seu desespero. Contudo, a funcionária da bilheteira já o ouviu e explica quem ele é às pessoas mais idosas para que estas não o incomodem. Deixem-no em paz. Deixem-no matar com o guarda-chuva. *Pum. Pum. Pum. Pum-pum.* Certa vez, ela pediu a umas pessoas: Deixem-no em paz. Deixem-no estar. O Yajec era ainda um rapazinho quando se agarrou ao vestido da mãe a chorar. Pois. Chorava sem parar, gritando: Não me deixes! Porém, a pobre mulher empurrou-o na direção do grupo dos homens. O miúdo correu para ela: Mamã, leva-me contigo. Mas a pobre mulher não o levou. Olhando para o filho, com o rosto muito pálido, gritou-lhe ao ouvido: Yajec, tu não podes ficar comigo! Vai já para ali, ouviste? E deu-lhe uma bofetada, e empurrou-o com toda a força. Pois. Isso mesmo. Seguii com as mulheres, e ele ficou com o grupo de desconhecidos, que nem o viram, porque ele tinha uns 7 ou 8 anos. Pois.

O comboio entrou na estação e parou. Silêncio. Três minutos de silêncio. Até a funcionária da bilheteira se cala quando o comboio para. Não quer que as pessoas se baralhem. Quem tem de apanhar o comboio embarca, quem tem de sair sai. O comboio parte, e a funcionária da bilheteira explica que o pai do Yajec também desapareceu, bem como o avô, a avó, quatro irmãs, a tia Serena e o tio Abraham.

Sinto a cara de uma mulher etíope junto à minha barriga. É um rosto frágil, delicado, com os lábios projetados para fora, como se estivesse prestes a começar a chorar, e uns olhos escuros de tristeza, uma tristeza que vem de outro lugar, de longe, uma tristeza disposta em camadas, por alturas, a camada superior, mais recente, na testa, uma expressão forte. Se o Yitzhak e o Dov aqui estivessem, este rosto enche-lo-ia possivelmente de compaixão. Contudo, o Yitzhak não faz nem recebe visitas. Se o Dov aqui estivesse, ofereceria provavelmente uma bolacha e sumo à mulher, dizendo-lhe que se sentasse, sente-se num banco e descanse.

Chega outro comboio. A plataforma fica deserta, à exceção do homem de sobretudo e boina. A mulher embarca. Sabe que vai sofrer encontrões, mas, ainda assim, entra na carruagem. A funcionária da bilheteira explicou-me que também ela é uma passageira regular e que vai receber um ralhete da diretora do colégio interno. A filha tem problemas e dá cabo da cabeça aos professores porque quer voltar para a Etiópia, quer ir viver com os seus. À sexta-feira à noite, foge para a cidade e vai enfiar-se num clube de *reggae*. Só a música lhe interessa. Sai do colégio de saia comprida e blusa de manga comprida, mas leva na mala uns calções e uma blusa colorida curtinha, que lhe deixa a barriga à mostra. A rapariga não quer, definitivamente, continuar no colégio interno. A mãe grita-lhe: Não, não voltas para casa comigo! Ficas aqui, percebeste?

O Yitzhak diria: Ela habitua-se. Acabará por se habituar. Porque é que a mãe apanha o comboio todas as sextas-feiras? Bastava lá ir de dois em dois meses, ou de três em três. E podia ir de táxi, ninguém lhe disse? O Dov argumentaria: Não vale a pena insistir com os miúdos. Não resulta. O melhor é levá-la para casa e pronto, não achas?

Um raio de Sol branco penetra por uma pequena racha. O Sol espreita por detrás dos eucaliptos, criando um enorme caleidoscópio luminoso. O altifalante anuncia: Atenção, atenção! O Sol desaparece. O comboio parte.

Vou a caminho de Nahariya.

O Yitzhak não irá receber-me. Ou talvez vá. Ao telefone, disse-me: Veremos. Não tem paciência.

O Dov aceitou encontrar-se comigo, e ele cumpre a sua palavra. O Yitzhak também cumpre, mas não prometeu nada. Disse-me: Liga na quinta-feira e logo vemos.

Eu telefono-lhe todas as quintas-feiras, e ele responde-me: Veremos. Até que, por fim, acaba por me dizer: Sim, podes vir.

O Dov está à minha espera na estação com o carro, para me levar ao Yitzhak.

Não tenho a certeza de nada. Assentirão em conversar comigo? Volta cá uma vez ou duas, e veremos, é o que eles me dizem ao telefone.

Eu não quero o «veremos». Tem de ser.

Pois bem.

Permitem-me que conte a vossa história?

Permitimos. Permitimos.

Vamos avançar devagar, bem devagar.

Talvez seja melhor avançar depressa, não vamos nós arrependermos. *Ah! Ah! Ah!*

Em separado ou juntos?

Como for melhor, mas eu tenho de ir tratar dos animais. Por isso, falarás mais vezes com o Dov.

Com certeza. Estou disposta a conversar convosco sempre que quiserem.

Só nos dias de chuva. Vem quando chover.

Está bem, Yitzhak.

Não posso abandonar os animais a meio do dia.

Também não é preciso.

Tenho de alimentar os bezerros, e, além disso, por vezes preciso de me ausentar.

Eu venho quando estiver a chover.

É melhor. Eu só estou em casa quando chove.

Nesse caso, virei quando chover.

Muito bem. Mas telefona primeiro, e veremos.



# Capítulo 1

*Chamo-me Yitzhak. O Estado de Israel deu-me o nome de Yitzhak.*

*Os nazis deram-me o número 55484.*

*Os gentios deram-me o nome de Ichco.*

*O meu povo, os judeus, deram-me o nome de Icho.*

## *Na sala de estar do Yitzhak*

O mais difícil de tudo foi sermos expulsos da nossa casa.

Acordámos à hora do costume. Eu fui o primeiro a levantar-me; queria ir com o meu pai ao mercado.

Tinha-me esquecido de que era dia santo. O meu pai voltou da sinagoga. Era um homem de cabelo preto e estatura mediana, magro, mesmo de sobretudo vestido. Sentou-se numa cadeira e chamou-nos: Leah, vem cá. Sarah. Avrum. Dov, chama o Icho. Juntámo-nos à volta dele.

O seu rosto estava da cor do latão ao sol. Parecia doente. Olhámos para a minha mãe.

O meu pai disse-nos: Temos de fazer as malas. Vamos embora da aldeia. Demos um salto. O quê?! Para onde é que vamos? Para onde, não sei. Os húngaros decidiram mandar-nos embora. Para onde, pai? Para onde? Não disseram para onde. Temos de ser rápidos, de enfiar algumas roupas na mala, e alguns cobertores. Tossiu. Leah, traz-me um copo de água, por favor. Levamos alguns talheres, uns pratos,

peúgas... Não se esqueçam das peúgas. Pai, porque é que eles nos estão a mandar embora? Para onde?, perguntou o Avrum.

Para a morte!, respondeu o Dov. Cala-te com isso, Dov! Estão a mandar todos os judeus da aldeia para outro sítio, para leste. Vamos trabalhar para leste. Porque é que só estão a mandar os judeus?, perguntou a Sarah. Para nós morrermos e eles se verem finalmente livres de nós. Para se livrarem de nós de uma vez por todas, não percebes?

O meu pai tapou a cara com a mão, com os seus dedos grossos, escuros e fortes.

Ouvi chorar, um choro abafado. Olhámos em volta, à procura da minha mãe. Ela era uma mulher pequenina, de cabelo castanho e expressão doce, como uma flor com receio do sol. Tinha as pontas dos dedos de ambas as mãos enfiadas na boca. Eu pedi-lhe: Diz ao pai para nos explicar. Não estou a compreender. Diz-lhe, diz-lhe. A minha mãe sentou-se numa cadeira, longe do meu pai, em silêncio. O meu pai passou as palmas das mãos pela cara, como se quisesse descascar a pele, e ordenou-nos: Já chega! Depois, levantou-se, endireitou-se lentamente e agarrou-se à cadeira; tinha os nós dos dedos muito brancos, como se tivesse ficado sem pinga de sangue. Olhou para a minha mãe e disse, em voz rouca: Apareceram na sinagoga uns soldados húngaros, com espingardas. Disseram-nos que nos preparássemos para sermos expulsos de casa. Dentro de uma hora. Que fizéssemos apenas uma mala com o que precisássemos. Mandaram-nos ir para a sinagoga e esperar, que depois receberíamos ordens.

Gritámos em uníssono: Pai, mas a guerra acabou! Já se ouvem os canhões russos ao longe. Diz-lhes que a guerra acabou. O meu pai respondeu baixinho: Eles sabem. Mas, então, porque é que vão levar-nos, pai?, gritou o Avrum. O que é que querem fazer connosco? O quê?

Querem queimar os judeus. Ouvi dizer isso na rádio. Vamos morrer todos, respondeu a Sarah, quase a chorar.

Era exatamente isso que Hitler tinha planeado, acrescentou o Dov, enfiando uma maça no bolso.

O meu pai bateu sonoramente com o pé no chão: Chega! Vão para os vossos quartos! Já! Temos uma hora para fazer as malas. A minha

mãe perguntou: Onde é que pomos as coisas? Não temos malas nem sacos de viagem.

O meu pai respondeu: Pomos as coisas em lençóis, ou em toalhas de mesa, fechamo-los e atamo-los com uma corda. Avrum, vai buscar umas cordas à despensa e ajuda os mais pequenos a atá-las. Leah, vai para o nosso quarto. Eu fico com a cozinha. A minha mãe não dizia mais nada. Cruzou os braços firmemente e permaneceu imóvel.

A Sarah começou a chorar.

Tenho de lavar a louça do jantar da Páscoa, disse, e de a arrumar no armário. O meu pai gritou-lhe: Deixa a louça! Isso agora não interessa nada!

A minha mãe levantou-se, dirigiu-se ao lava-louça, abriu a torneira com toda a força, agarrou num prato sujo e começou a lavá-lo rapidamente. O meu pai bateu com as mãos nas calças, como quem arranja forças, aproximou-se da minha mãe e fechou a torneira. A minha mãe voltou-se, atirou o prato ao chão, limpou as mãos ao avental, endireitou-se e disse: Vamos fazer as malas. A Sarah debruçou-se e apanhou os cacos do chão, a chorar cada vez mais. Quando voltarmos, a louça vai cheirar mal e vamos ter de a deitar fora. O Dov replicou: Não te preocupes, vamos ficar todos a cheirar mal. Eles tratam disso. A minha mãe levantou a Sarah, abraçou-a e disse-lhe: Vamos. Dirigiram-se ambas para os quartos. O Avrum voltou com as cordas e foi atrás da minha mãe. O Dov pôs-se à janela. O meu pai começou a recolher os talheres da cozinha.

Pus um gorro de lã na cabeça e avancei para a porta. Agarrei no puxador. Sentia as pernas a fraquejar.

O meu pai chamou-me: Icho, onde é que vais?

Vou ao estábulo. Tenho de dar de comer às vacas. Vou prepará-las para as levamos.

O meu pai mostrou-se alarmado: Não, não! Não pode ser! Não vamos levar as vacas. Levamos só roupa e cobertores. Põe a tua roupa num monte. Posicionou-se à minha frente.

E as vacas?, perguntei-lhe. Quem é que cuida das vacas?

O meu pai fitou-me com uma expressão dura e disse-me: Não discutas.

Eu não podia abandonar as vacas. As vacas viviam no nosso quintal.

O estábulo ficava nas traseiras da nossa casa. Eu gostava de mungir as vacas. Por vezes, conversava com elas, como se falássemos a mesma língua. Os bezerros nasciam nas minhas mãos. Olhei para o Dov. Os caracóis dele pareceram-me pequenos, como se ele tivesse acabado de tomar duche.

O Dov fez-me sinal: Deixa lá, deixa lá. Eu perguntei ao meu pai: E quem é que vai mungir as vacas? Vão morrer de fome. O meu pai não sabia; estava convencido de que os vizinhos tomariam conta delas, ou talvez um dos soldados com as espingardas, mas não tinha a certeza de nada.

Lembrei-me da minha gata. Queria saber o que haveria de fazer à minha gata, que se constipara na noite de Páscoa. Eu tinha uma gata grande, preta e branca. Fui novamente ter com o meu pai. Ele estava de costas para mim, a abrir armários. Parecia um avô. Pelo menos a gata, supliquei-lhe. Eu levo a gata. Não vai incomodar ninguém, pode ser?

O meu pai falou-me de dentro do armário: Deixa a gata, Icho. Não vás lá fora. Depois, endireitou-se, agarrado às costas, e dirigiu-se à janela que dava para a estrada. Vem cá, disse-me. Olha lá para fora. Estás a ver os soldados? Daqui a nada, entram cá em casa e mandam-nos sair sem nada, percebeste?

Tive a sensação de que todo o meu corpo adoecia, roubando-me a vida. Queria a minha gata. A gata que se metia na minha cama a ronronar. *Ronrrrommm*. Que adorava cócegas na barriga, fazendo-lhe verter uma gota de leite da maminha sobre o pelo. Que adorava lamber-se, horas seguidas. O Avrum, o meu irmão mais velho, estava à porta. O Avrum era alto, magro e delicado como a minha mãe.

Anda, eu ajudo-te, disse-me ele. O Dov também está à tua espera. Só um minuto. Queria dar um abraço à minha gata, que estava doente. A Sarah surgiu ao meu lado e deu-me a mão. Ouvimos barulho lá fora, e ela correu para a janela.

Debruçou-se lá para fora, o corpo ossudo, e chamou o meu pai: Pai, pai! Os vizinhos estão no nosso quintal, e estão a chamar-te. A Sarah também era magra. O meu pai não se voltou, mas respondeu: Agora

não, Sarah. A Sarah insistiu, mais firmemente: Os vizinhos estão a vir para cá, pai. Vai falar com eles. O Dov entrou na sala. Enfiou uma maçã no outro bolso e uns *matzos*<sup>1</sup> dentro da camisa. O Dov tinha olhos castanhos e músculos que pareciam uma bola em cada braço. Tinha posto uma camisola às costas.

Bateram à porta, e eu dei um salto.

O meu pai foi à porta. O nosso vizinho perguntou-lhe: Para onde é que vocês vão, Strullu? Era o Stanku. Andava sempre de boné e tinha uma verruga na cara, com a ponta vermelha.

O meu pai respondeu-lhe: Diz-me tu. Eles não te disseram nada?

A mim não me disseram nada. Eles falaram foi contigo.

O meu pai calou-se. O Stanku endireitou as costas. E os miúdos?

O meu pai respondeu-lhe: Vão connosco. Os velhos também.

O Stanku tirou o boné. Vão precisar de pão. O meu pai não precisava. Temos *matzos*, disse.

Não, Strullu, vocês precisam de pão e de água para a viagem. Eu não preciso.

E também podem levar bolos; nós temos uns bolos grandes, que fizemos para a Páscoa. Damos-vos os bolos. Escondam-nos na roupa. Sabe-se lá o que irá acontecer.

O que vai acontecer é uma tragédia, comentou o Dov para consigo. Uma tragédia horrível.

O meu pai esboçou um sorriso triste ao Stanku. Aquele miúdo está sempre a pensar em tragédias, observou baixinho. Não sei o que se passa com ele. O Stanku tomou a mão do meu pai. A mão dele tremia. Tinha os olhos azuis marejados de lágrimas.

O Stanku disse ao meu pai: Nós tomamos conta da casa, Strullu, cuidamos das vacas. E vocês vão voltar. Têm de voltar.

O meu pai e o Stanku abraçaram-se. Ouvi umas palmadas nas costas e ouvi o meu pai a dizer, numa voz entrecortada: Não me parece que voltemos, Stanku. Desculpa, tenho de ir tratar das coisas. E afastou-se.

---

<sup>1</sup> Espécie de pão sem fermento que faz parte da culinária judaica. [N. T.]

Dirigi-me ao Stanku: Então, vai tomar conta da casa, cuidar das vacas e da gata, e dar-lhes de comer? E se aparecer alguém que queira ficar com tudo, o que é que lhe diz?

O Stanku pigarreou. Depois, voltou a pigarrear, mais sonoramente. Eu sussurrei-lhe: Tenho umas moedas que poupei. Eu dou-lhas, Stanku.

O Stanku lançou as mãos ao ar, bateu com o pé no chão e respondeu: Não, não, não! Não te preocupes, Icho, eu tomo conta de tudo até vocês voltarem para casa. Apertámos a mão, e eu voltei para dentro.

O Dov saltou pela janela.

Tive a certeza de que o Dov ia fugir para a floresta. Fiquei satisfeito por ele ter escapado. Por ninguém o ter visto. Ainda bem que ficava pelo menos um membro da família a tomar conta da casa. O meu pai, a minha mãe, a Sarah, o Avrum e eu fomos para a sinagoga com as trouxas às costas. Os soldados húngaros contaram-nos. Alguém fez queixa, dizendo que faltava um rapaz da nossa família.

Os militares ameaçaram o meu pai, agitando um dedo diante da cara dele: O rapaz tem de cá estar ao cair da tarde. Ao cair da tarde! Senão, encostamos-vos a todos a uma parede, e *bum-bum-bum!* Percebeste? O meu pai chamou o Vassily, que era da turma do Dov.

O Vassily era o melhor amigo do Dov. Gostava de andar sem peúgas nem chapéu. Fosse verão ou inverno. O Vassily veio a correr. Trazia um casaco com uma manga mais curta do que a outra.

O meu pai pousou-lhe a mão no ombro e disse-lhe: Vassily, vai buscar o Dov. Ele fugiu para o bosque. Tu és o único que sabe onde ele está. O Vassily olhou para o meu pai e mostrou-se pesaroso. Dov, Dov. O meu pai baixou-se e sussurrou ao Vassily: Diz ao Dov: Lembra-te do Shorkodi, o jovem de Budapeste. Ele vai perceber.

O Dov voltou todo inchado. Tinha apanhado uma tarefa.

Regressou nessa noite, com os soldados húngaros. Andou com a cara inchada durante dois dias. Não proferiu uma palavra. Eu fiquei triste. Que pena teres voltado, Dov! Que pena!

Dois dias depois, levaram-nos de comboio para Ungvár, a atual Uzhorod.

Na cidade de Ungvár, puseram-nos num enorme anfiteatro, que parecia uma mina a céu aberto. Estavam ali reunidos milhares de judeus daquela zona, e não havia casa de banho nem chuveiros. Havia apenas uma torneira pequena, ligada a um cano. Não parava de chover, e a chuva arrastava a superfície do terreno. Estávamos a afundar-nos em lama e num cheiro intenso. Primeiro, o cheiro intenso a pessoas que iam morrer; depois, o cheiro a excrementos humanos. Eu não conseguia habituar-me aos maus odores: tinha vontade de vomitar, mesmo depois de ter vomitado.

À nossa família, foi atribuído um espaço do tamanho de um sofá grande. Dormíamos sobre tábuas e tapávamo-nos com cobertores molhados. Comíamos uma malga de sopa de batata após termos esperado várias horas numa fila. Uma malga por dia. Ficávamos com fome. À volta do anfiteatro, começaram a aparecer mendigos, que nos faziam gestos com as mãos: faziam o sinal da cruz, seguido do gesto de cortar o pescoço, como se empunhassem uma faca; depois, riam-se, desdentados. *He! He! He!* Eu tinha vontade de lhes dar uns murros. A minha mãe falava comigo em silêncio. Eu dava murros a mim próprio, até sentir a perna dormente. Entre nós, circulavam pessoas de ar importante, envergando casacos molhados. Eram os *Judenräte*, os judeus responsáveis pelo gueto. Dentro de dias, estarão todos no Leste, prometiam-nos. Diziam que haveria muitos empregos.

Estávamos à espera do comboio que nos levaria para o Leste, para os muitos empregos. Porém, o comboio não chegava, e as pessoas começaram a ficar impacientes; primeiro, um pouco, e depois cada vez mais. Passados três dias, berravam umas com as outras sem motivo. Quando alguém tocava sem querer no cotovelo de outro, na fila para a sopa ou para a torneira, ouviam-se berros. Discutiam sobre onde colocar a cabeça ou os pés quando iam dormir. Ou se alguém dava um pum na cara de um bebé.

Pobrezinho, engasgou-se. Tenha mais cuidado, avô. Discutiam sobre boatos. Berravam, berravam, berravam. No dia seguinte, repetiam os boatos e lançavam novos boatos. Não havia boatos sobre a morte, nem conversas sobre a morte; havia boatos sobre a libertação.

Muitas palavras sobre a libertação, iminente ou longínqua. Ignorávamos se essas notícias eram verdadeiras, limitando-nos a ouvir e a aguardar. Esperámos ali quase um mês.

Finalmente, surgiu um comboio especial para gado.

Era engano, certamente. Os militares empurraram-nos para dentro das carruagens. Empurraram famílias inteiras, violentamente. Aldeias inteiras. Vilas. Cidades. Nessa altura, percebi: os húngaros queriam limpar o mundo dos judeus. Não queriam respirar num mundo por onde tivesse passado um judeu. Queriam olhar para o futuro sem judeus. Ah, nem um! Com o céu limpo, o Sol, a Lua.

A viagem de comboio foi um pesadelo.

Viajámos durante três dias, sem comida nem água. Seguíamos numa carruagem onde havia um balde de latão para as necessidades de uma vila inteira. Um bebé que ia ao colo de uma mulher de óculos partidos chorava sem parar, saindo-lhe um fio amarelo do ouvido. A minha mãe cortou uma tira de pano de um lençol e atou-lha em volta da cabeça. Como na papeira. O bebé chorou ainda mais. A mulher tentou dar-lhe de mamar, mas ele não quis. Só queria chorar. Passados dois dias, o bebé parou de chorar, e quem começou a chorar foi a mulher. Ao início, chorava sozinha; depois, começaram a chorar mais cinco ou seis pessoas, como se fosse um coro; por fim, ela tapou o rosto do bebé com um lenço, mas recusou-se a entregá-lo ao homem alto que seguia ao lado dela. A mulher tinha uma mancha castanha nos óculos. Eu enterrei as unhas na perna com toda a força, até abrir um buraco.

O Dov comentou: Ele salvou-se, o bebé morreu ao colo da mãe. Nós vamos morrer sozinhos.

Formámos uma fila nas plataformas de Auschwitz.

Havia filas ao longo de toda a extensão da plataforma. Parecia uma serpente enorme, de cauda comprida.

Os bebés voavam pelo ar, como se fossem aves. As mulheres grávidas eram atiradas para dentro de um camião. A barriga de uma mulher explodiu, espalhando-se tudo, como se ela tivesse uma melancia lá



dentro, em vez de um bebê. Os velhos que não conseguiam andar ficavam estendidos no chão. Eram aldeias inteiras paradas na plataforma, sem espaço para se mexerem. Havia uma coluna de fumo no ar e o cheiro acre a galinha queimada. É do que eu me lembro.

Primeiro, separaram as mulheres dos homens.

Nunca mais vi a minha mãe nem a Sarah.

Passámos por um oficial com uma cara simpática, como se gostasse de nós, como se estivesse preocupado. Como se se importasse conosco. Ia apontando com o dedo: direita, esquerda, direita, esquerda. Não sabíamos que o dedo dele chegava ao céu. Depois, perguntaram-nos as profissões. O Dov foi o primeiro a saltar. Não tivemos tempo de nos despedir um do outro.

Os soldados gritaram: Construção civil! Há alguém da construção civil? Eu e o Avrum avançámos juntos. O meu pai ficou para trás; escolheu outra profissão. Não voltei a ver o meu pai.

Levaram-nos para um edifício e mandaram-nos despir.

Era uma fila comprida, interminável. Como se estivessem a distribuir rebuçados. Depois, disseram-nos: Depressa! Dispam-se depressa! As mulheres corriam, nuas, na direção de uma grande porta de ferro que se estava constantemente a abrir. As mulheres nuas eram engolidas pela abertura negra da porta, como a grande boca do mar. Os homens e os rapazes corriam para o outro lado. Alguns rabinos de barba gritavam: *Shema Israel! Shema Israel!*<sup>2</sup>

Eu e o Avrum postámo-nos, a tremer, em frente ao edifício que tinha engolido mais gente.

O edifício tinha uma porta preta, e outra idêntica. Não sabíamos para onde tínhamos de correr. Despidos, confusos, corríamos de um lado para o outro, pisando pernas, empurrando com as mãos. À minha volta, havia pessoas a girar sobre si próprias, com os braços no ar, batendo no peito, arrancando os cabelos, puxando os órgãos genitais. Havia quem gemesse, dirigindo-se a Deus, dizendo: Meu Deus, ouve-me, dá-me um sinal. Onde está o Messias, o Senhor do Universo?

---

<sup>2</sup> Duas primeiras palavras da Torá, texto sagrado do judaísmo. [N. T.]

O som que ali havia era uma espécie de *hummmmm* surdo, pesado como uma tempestade de neve. *Hummmmm. Hummmmm.*

Chamei pelo meu irmão até ficar rouco.

Chamei: Avrum, Avrum! Para que porta temos de correr? Avrum, responde!

O Avrum deu-me a mão, soluçando. É esta. Não, é aquela. Não, não. Avrum, o que havemos de fazer? Onde? Onde? Onde? A primeira porta. Não, não, a segunda. Icho, o que estás tu a fazer? Icho, ouve o que te digo. Espera. Ouveeeee. Estávamos lá dentro.

Estávamos dentro de uma sala gigantesca, com bancos. Uma sala gigantesca, onde havia barbeiros a rapar cabelos. Rapavam cabeça após cabeça, sem descanso. Depois, fomos levados para os chuveiros. E depois, *pchhhhh*. Água. Avrum, é água! Água!, exclamei eu. Estamos vivos, Avrum! Continuamos juntos! Avrum, tivemos sorte, Avrum. Passei o duche inteiro a soluçar.

## Capítulo 2

*Chamo-me Dov. O Estado de Israel deu-me o nome de Arieh-Dov;  
diminutivo: Dov.*

*Os nazis deram-me o número A-4092.*

*Os gentios deram-me o nome de Bernard.*

*O meu povo, os judeus, deram-me o nome de Leiber.*

### *Na sala de estar do Dov*

Eu tinha a certeza de que eles estavam a levar-nos para a morte.

O meu pai convencera-se de que estavam a enviar-nos para longe, para trabalharmos em fábricas. Eu pensei na morte. A minha morte era vermelha, de um vermelho intenso. Vermelha como o sangue que escorria da orelha do homem sentado ao meu lado no comboio com destino a Auschwitz. O homem havia-se recusado a embarcar no comboio, e o sangue recusara-se a parar de escorrer durante três dias, talvez por sermos muitos e por causa da pressão. Íamos todos apertados uns contra os outros. Parecíamos sardinhas enlatadas, a feder a morte recente, um cheiro novo, que entrou na minha vida nessa altura e permaneceu comigo durante muito tempo.

O comboio para Auschwitz deteve-se.

A porta da carruagem abriu-se repentinamente e explodiram-nos nos olhos umas lanternas que pareciam projetores. Os altifalantes

anunciavam: Depressa, depressa! *Schnell, schnell!* Deixem os pertences no comboio. A voz transmitia irritabilidade, e era sonora e cortante, como se fosse apenas uma voz, sem um ser humano por trás. Só uma voz: *Schnell, schnell!*

Nas plataformas, viam-se militares armados, cujas vozes pareciam altifalantes: Desçam! Depressa, depressa! Berravam como se tivessem um altifalante instalado na garganta. A um lado, havia pilhas de pijamas às riscas, com cabeças e braços a saírem das aberturas. Não vi mais nada. Estavam de lado, de cabeça rapada e inclinada. Eram mais assustadores do que os soldados que nos davam ordens. Pareciam estar doentes e a sofrer. Os soldados não. Os membros da orquestra também pareciam saudáveis. Tocavam marchas alegres, adequadas a um desfile de vitória.

Havia cães, seguros por trelas, a ladrar selvaticamente. Cães dentes afiados e corrimento no nariz, cujos pelos pareciam pregos. Os soldados empurraram um velhote de barba que não os tinha compreendido: Desculpe, senhor comandante, o que... *Tchac*. O velho caiu ao chão. Bateram noutras pessoas, nos velhos e fracos. Atingiam-nos nos ombros, na barriga, nas costas. Não os matavam imediatamente: deixavam-nos ali, a chorar. E eles choravam de dor. Outros choravam de preocupação, ou por causa da orquestra. Em Auschwitz, havia uma orquestra de qualidade. Percebi imediatamente que era boa. Quase chorei pela beleza da música, mas não conseguia deixar de pensar na enorme pilha de pijamas, pelo que me contive.

Do outro lado, os soldados davam pontapés numa criança, como se ela fosse uma bola de futebol. A criança devia ter uns 3 anos e não os tinha ouvido: Vá! Depressa, depressa! Era um rapazinho de caracóis pretos, com um casaco curto e uma grande fralda dentro das calças. Uma fralda cheia de cocó da viagem. Tinha perdido o pai e a mãe, e só lhe restava um urso de peluche castanho, que levava debaixo do braço. O urso de peluche foi o primeiro a cair. Seguiu-se o menino. Outro pontapé. Mas ele continuou a não avançar depressa. Não era fácil ouvir o que os soldados diziam, por causa da música. A cabeça do menino abriu-se ligeiramente. Outro pontapé e pronto.

O rapazinho permaneceu na plataforma, ao lado do urso de peluche, como uma mancha escura numa estrada. Fez-se silêncio. Por momentos, ninguém disse nada, nem uma palavra. Só se ouvia aquela música animada.

Fui empurrado para diante, e o ruído aumentou. Um enorme lamento. O maior lamento que eu alguma vez ouvira. O lamento de um grande oceano, de um oceano tempestuoso. Lamentos como ondas a quebrarem-se contra as rochas da praia. *Sush, sush!*

Os soldados gritaram: Formem uma fila! Depressa!

Separaram as mulheres dos homens: mulheres para a esquerda e homens para a direita. Os homens abraçaram as crianças. As crianças choravam: Mamã! Avó! Onde está a minha mamã? Uma avó de lenço tapou a boca com a mão. A mulher não tinha dentes e começou a emitir uns sons estranhos, como um salva-vidas numa praia. Um salva-vidas a gritar ao vento, diante de um pequeno megafone: *Uaaa, uaaa, uaaa, uaaaa.*

Um avô de bengala pegou na mão de uma criança que chorava e apertou-a firmemente, dizendo: *Chhh, chhh, chhh!* Não chores, meu pequeno. E caiu ao chão. *Tchac.* A criança calou-se. Um soldado arrancou uma criança embrulhada numa manta dos braços da mãe. Tirou-lhe o gorro de lã da cabeça e esmagou-lhe o crânio contra a porta da carruagem. Ouvi um grito, como um bezerro a ser morto na aldeia, diante da faca.

A minha mãe e a Sarah foram-se afastando cada vez mais.

A minha mãe ergueu os braços, como se quisesse expulsar espíritos e demónios. Tirou o lenço da cabeça, arrepelou os cabelos e guinchou: Meus filhos, cuidem de vocês. Depois, gritou com mais força: Meus filhos, cuidem de vocês! Estão a ouvir-me? Aqueles gritos da minha mãe abriram-me uma ferida no coração. Foi como se me tivessem encostado um prego a um nervo e o tivessem martelado com força. Ainda hoje me dói quando me lembro das lágrimas da minha mãe e das suas últimas palavras.

A minha mãe e a Sarah foram das primeiras quatro. Começaram a caminhar e acabaram por desaparecer por entre as plataformas.

Os soldados ordenaram-nos, aos berros, que formássemos uma fila de quatro, rapidamente, enquanto a orquestra tocava.

Do altifalante, continuavam a sair ordens. As lanternas incomodavam menos. As pessoas corriam de um lado para o outro, como baratas no escuro. Esqueciam-se de que havia luz. Andavam à procura dos familiares para formarem grupos de quatro com eles. O ruído era imenso. Uma ordem proveniente do altifalante silenciava toda a gente por momentos, e a seguir começavam todos a correr. Tibor, anda cá! Salomon, Yaakov, venham cá, venham cá! Somos quatro. O Shimon, que vendia carne com eles, aproximou-se, sem os seus óculos, tentando imiscuir-se. Tu não estás connosco! O Shandor-coxo ficou assustado. Vai-te embora!

O Yaakov-zarolho da nossa aldeia disse: Para com isso! Nós somos quatro. Não podes ficar connosco. E começou a andar.

O Shandor-coxo agarrou-lhe na mão: Onde é que vais? Fica aqui ao meu lado. Aqui. Um, dois, três, quatro, cinco? Não, não! Vai-te embora. Não há lugar para ti, Yaakov. Espera, o que é que se passa com ele? Atirou o chapéu ao chão e está a despir as calças. Shimon, anda cá. Anda cá depressa. Fica aqui. Aqui, não saias daqui. Não há lugar para mais ninguém. Vocês ficam à nossa frente. Não importa se são primos. Formem outro grupo de quatro.

O altifalante das plataformas mudou de emissão. Começou a transmitir música de dança. Ali estávamos nós, três rapazes e um pai, magros e imberbes. O meu pai levantou a cabeça, o Avrum agarrou-lhe no braço, o Yitzhak avançou dois passos na direção dos soldados.

O Avrum obrigou o Yitzhak a voltar para a fila e sussurrou-lhe: O que é que pensas que estás a fazer?!

Eu sentia-me como uma pedra lançada para um abismo. Gira, gira, gira, *tump*.

Uma pedra que se tivesse esmagado contra uma rocha.

O meu pai estava calado, apertando-me o braço, como um alicate.

Um oficial alemão, muito calmo, ia apontando com o dedo: direita, esquerda, esquerda, esquerda, esquerda, e outra vez direita.

A música de dança mudou. Os olhos do oficial pareciam uma fenda numa janela.

O homem usava luvas. Brilhavam-lhe os botões, e tinha cara de quem gostava de beber.

Fomos para a direita. Quem ia para a direita ia trabalhar. Quem ia para a esquerda ia-se embora.

Vi fumo a circular, como uma nuvem. Lembro-me disso, uma nuvem preta, especial. O fumo provinha da chaminé de um enorme edifício, um edifício gigantesco, e tinha a forma de um cogumelo. Perguntei ao meu pai: O que é aquilo?

É uma fábrica de aço, Dov.

Pai, responde-me.

É uma fábrica, Dov. Uma fábrica de produção de aço para a guerra.

É ali que eles queimam os judeus, pai. Aquilo é fumo de carne de judeu.

O meu pai deu um salto, como se tivesse pisado uma cobra: Não! Não, não é nada! É uma fábrica. Aquele fumo é das máquinas, Dov.

Os soldados perguntaram: Há por aí algum mecânico?

Eu gritei: Eu sou mecânico! Eu, eu! E saltei da fila. Saltei sozinho.

Queria fugir para muito longe de tudo aquilo. Queria fugir das pilhas de carne e do fumo que estavam para vir. O meu pai, o Avrum e o Yitzhak permaneceram atrás de mim.

Não olhei para trás. Queria ir em frente, para longe dali.

Um grupo de soldados de sapatos engraxados e perneiras como lonas conduziu-me a um edifício de dois andares e levou-me para o piso onde se encontravam os presos políticos alemães. Presos alemães de cabelo louro, um deles de bigode. Tinham recebido embalagens com comida, enviadas pelas famílias, e estavam sentados a comer. Ao fundo da cama de cada um, havia uma caixa de madeira com tampa e um cadeado de tamanho médio.

Fui sentar-me na última cama, observando a boca dos homens que ali estavam. Fiquei a vê-los a darem dentadas, a gorgolejarem, a mastigarem, a engolirem, a conversarem, a oferecerem o que tinham uns aos outros, a agradecerem, a chuparem, a limparem, a arrotarem,

a coçarem-se, a rirem-se, a embrulharem os restos num guardanapo, a meterem-nos na caixa, a fecharem o cadeado e a deitarem-se a dormir. Nem repararam que eu tinha chegado; estavam alheados. Para eles, eu era uma mancha de lama na parede.

O cheiro a comida enlouqueceu-me. A boca encheu-se-me de saliva. Cheirava-me a salsichas e a bolos. A pão e a peixe fumado. E a amendoins e chocolate. Ouvi a minha barriga a fazer ruídos e dei-lhe uma palmada. Porém, os ruídos não pararam. Tirei os sapatos e deitei-me de costas. Um judeu de Budapeste veio deitar-se ao meu lado — um judeu gordo, de alguma idade, com uns 60 anos. Tinha gotas de suor no rosto. Respirava intensamente, como o motor de um comboio já muito gasto. Contou-me que tinha uma quinta enorme na Hungria. Fiquei chocado. Um judeu com terras? Sim, rapaz, uma propriedade do tamanho de três aldeias. A sério?! Sim, rapaz, e de que me serve agora que estou a morrer, a morrer de fome? Como te chamas, rapaz?

Bernard. É o meu nome cristão. Em casa, chamam-me Leiber.

Que idade tens, rapaz?

Tenho 16 anos e pouco.

O homem pousou as mãos nos meus ombros, abanou-me firmemente, fitando-me, um olho saudável e o outro de vidro, e disse-me: Bernard, olha para mim. Eu não tenho hipótese nenhuma, mas tu tens. Rouba, mata, mas sobrevive, ouviste? Tu és novo, Bernard, és um rapaz com muitas hipóteses de sobreviver a esta guerra, compreendes?

Fiz um ligeiro movimento com a cabeça. Compreendo. Ele deixou-se cair na sua cama, e adormecemos imediatamente. No dia seguinte, tinha desaparecido, a caminho de Auschwitz, conforme percebi mais tarde. Falamos com uma pessoa, e, de repente, essa pessoa desaparece.



## Capítulo 3

### *Yitzhak*

Em Auschwitz, no ano de 1944, deram-me outro nome.

Coseram-me o número 55484 nas calças, de lado, e era esse o meu novo nome. Deram-me roupa às riscas. Uma camisa e umas calças do mesmo tecido, como as fotografias que se veem hoje. Deram-me um chapéu às riscas e sapatos de plástico com sola de madeira. Estávamos no escuro, filas e filas de prisioneiros, todos iguais. Parecíamos um comboio de formigas, com números no peito e de lado.

Fomos alojados no bloco 12. Nesse bloco, as camas estavam dispostas em três níveis. Não eram bem camas; eram mais bancos para dormir. Ordenaram-nos que formássemos uma fila junto das camas. Eu e o Avrum colocámo-nos ao lado um do outro. O Avrum tinha 18 anos. Perguntou-me onde estava o Dov. Eu tinha 15 anos e pouco, era um ano mais novo do que o Dov. Não sabia dele. O Avrum era pelo menos uma cabeça mais alto do que eu. Tinha ombros largos e a barba a despontar. Eu tinha a cara lisa, sem vestígios de barba, e a camisa ficava-me larga nos ombros. No bloco, havia outros miúdos da minha idade. Estavam espalhados por entre os prisioneiros mais velhos, de olhos no chão. Olhei de relance para o meu irmão, esfregando vigorosamente o polegar esquerdo. Não conseguia parar de o esfregar.

Entrou um oficial das SS no bloco e postou-se muito direito, de pernas afastadas e boné na cabeça. Tinha uma mão na cintura e tamborilava

na coxa com a outra. Franziu os lábios, como se fosse assobiar, e começou a passar revista aos prisioneiros, lentamente. Avançava. Parava. Voltava atrás. Parou diante de um rapaz que devia ter uns 13 anos, ou talvez menos.

O rapaz inchou o peito e a barriga, esticando-se muito, muito, muito.  
O oficial apontou-lhe o dedo.

O rapaz avançou um passo, a chorar baixinho e a tremer.

O oficial bateu-lhe na coxa. *Tchac*. O rapaz calou-se.

O oficial coçou o pescoço com a unha do polegar, que era comprida. Depois, coçou a barba, lentamente. Eu ouvia o ruído da unha, como lixa na madeira. Coçou, coçou, coçou, e parou.

Sustive a respiração.

O oficial franziu novamente os lábios e recomeçou a revista.

À minha frente, um rapaz dava beliscões nos braços. Pôs-se em bicos dos pés. Voltou a descer. Bicos dos pés. Normal. Ao meu lado, um rapaz tirou a camisa das calças, como se tivesse engordado desde que se pusera na fila. No extremo da fila, alguém caiu e foi arrastado até junto do rapaz que estava de parte.

O oficial levou três crianças e a pessoa que tinha caído, e foi-se embora.

Eu não sabia do crematório, mas sabia que não podia ir com o oficial. Compreendi tudo pela fenda que se abriu entre as suas pálpebras. Eu tinha 15 anos e pouco, era magro que nem um fósforo e tive uma sorte enorme em não ir com eles. Foi o meu primeiro golpe de sorte. Depois, tive um segundo. Dois irmãos da minha aldeia salvaram-me. Eles estavam no meu bloco, a duas camas de distância de mim. Eram dois irmãos altos, de braços musculados e pescoços de touro. Içaram-me para a cama do último nível.

Taparam-me com um colchão de palha e disseram-me: Quando houver *appel* — a contagem —, tu não saís daí, percebeste, Icho? Fiquei naquela cama do andar de cima durante quatro dias. O oficial das SS vinha ao nosso bloco todos os dias, ou de dois em dois dias, e levava os prisioneiros pequenos e magros. O Avrum dava-me pão e contava-me, em sussurros, o que estava a acontecer lá de baixo.

Uma semana depois, anunciaram ao altifalante: Sair para trabalhar, sem contagem. Os dois irmãos da minha aldeia não acreditaram naquilo e disseram ao grupo: Vão levar-nos para o crematório. Trepavam à cama de cima e ajudaram-me a descer. Eu descí da terceira cama e senti as pernas a dobrarem-se sozinhas. Como se fossem feitas de manteiga. Apoiei-me na parede e olhei para o meu irmão. O Avrum agarrou-me pelas coxas e pôs a língua de fora. Depois, arrastou-me até à porta. Fomos os últimos a sair. Eu olhei de relance para a vedação. Era uma vedação de arame farpado eletrificado, com pelo menos quatro metros de altura. Vi um sinal com o desenho de uma caveira e umas palavras.

Atrás de mim, ouvi alguém a sussurrar: Cuidado, perigo de morte. Eu pensei: Há muito tempo, havia gente normal a passear do lado de lá desta vedação. O que lhes terá acontecido? Estarão vivos ou mortos? Não fazia ideia.

O oficial gritou: Esquerda, direita, esquerda, direita, apontando na direção dos carris de caminho de ferro.

Fomos novamente enfiados na carruagem, apertados. Fiz um cálculo: se eu matar o indivíduo que está à minha frente e o que está atrás de mim, e se matar os que estão ao meu lado, com que espaço fico? Talvez com uns poucos centímetros para cada lado, não mais do que isso. Olhei em redor, à procura do meu irmão. Percebi que não valia a pena chamá-lo. Ele estava esmagado entre dois homens altos. Estava pálido. Vi-o a mexer as pálpebras, como se fosse um autómato avariado.

Viajámos durante vários dias. Um quarto de pão por dia, sem água. À minha volta, as pessoas morriam sem um murmúrio. Morriam arroxeadas, de boca fechada. Tinham a pele dos dedos roxa, sob as unhas, como quando se deita iodo numa ferida. Quando algum morria, começávamos imediatamente a revistá-lo, a ver se tinha comida. Depois, deitávamo-lo, enquanto ainda estava quente, e sentávamo-nos em cima dele por turnos.

Não havia ar que chegasse para todos dentro da carruagem.

Tínhamos a roupa húmida de um suor azedo. Encostados uns aos outros, de boca aberta, gritávamos: Ar, ar! Batíamos na porta com toda a

força. Gritámos durante uma hora. Eu fiquei sem voz. Finalmente, abriram uma tira estreita no topo. Trepámos pelos mortos e os mais fracos acima para respirar, como se eles fossem a nossa escada para a vida.

Olhando pela janela, percebi que tínhamos chegado a Weimar. Havia uma grande tabuleta com o nome da cidade. De Weimar, levaram-nos para o campo de Buchenwald. Percebi onde estava pela tabuleta.

Chegámos ao bloco 55. Aproximou-se de mim um prisioneiro com uma ferida numa mão, que me disse: Cuidado, eles andam à procura dos miúdos. Atirei-me imediatamente para a cama superior. Quando a porta do barracão se abria, eu estava lá em cima, como fizera em Auschwitz. O Avrum dizia-me quando podia descer. Dois dias depois, o altifalante ordenou-lhe que se apresentasse. Percebemos que era ele pelo número.

O Avrum veio despedir-se de mim, mas acabou por não me dizer nada. Fitou-me e começou a tremer. Tinha o rosto branco como um lençol. Eu atirei-me a ele: *Oγ, ογ, ογ<sup>3</sup>*, é engano! Eles confundiram o número. Não vás, Avrum. Não me deixes sozinho. O Avrum ficou com a camisa molhada das lágrimas. O queixo começou a tremer-lhe ainda mais, e a boca esticou-se-lhe para cima e para os lados, como se estivesse a dizer-me uma série de coisas importantes. Respirava a grande velocidade, e o nariz pingava-lhe como uma torneira. O altifalante voltou a chamar o seu número. Eu tive medo. O Avrum atirou-se a mim e abraçou-me impetuosamente. Eu chorei ao ouvido dele: Não me quero separar de ti! O que havemos de fazer, Avrum? Vamos os dois juntos. Ele recusou. Eu tive a sensação de que as nossas costelas se partiam. Depois, ele empurrou-me, inspirou e expirou, limpou-me a cara para eu o ver melhor e foi-se embora. Corri para a porta, atrás dele, mas o guarda que estava à entrada não me autorizou a sair. Volta para o teu lugar ou apanhas, ordenou-me, com um gesto. Tinha um bastão na mão, um bastão com uma ponta saliente, de ferro. Eu tive vontade de gritar: Avrum, Avrum, espera por mim! Abri muito a boca, mas fechei-a e voltei para o meu lugar, no topo do beliche triplo.

---

<sup>3</sup> Interjeição iídiche que pode exprimir aflição, desânimo, dor ou tristeza. [N. T.]

Senti-me a cair interminavelmente num poço sem fundo. Como se me tivessem atado um peso enorme e me tivessem lançado para um sítio escuro, no meio de uma série de desconhecidos. Deitei-me na cama e chorei durante uma hora, até chegar um novo prisioneiro para a cama do Avrum. Voltei-lhe imediatamente as costas. Não suportava ver outra pessoa ao meu lado. Desci do beliche. Sabia que estava tão furioso que seria capaz de matar aquele prisioneiro. Passaram duas horas, e eu não conseguia acalmar-me. Um alemão de outro bloco entrou no barracão, e eu não tive tempo de trepar lá para cima.

A ordem foi: Em fila, imóveis! O alemão semicerrou os olhos e observou-nos lentamente. Para a frente e para trás, para a frente e para trás. Ostentava um sorriso matreiro e uma papada sob o queixo que parecia um pacote de comida. Tinha as sobrancelhas juntas, como uma vedação, e uma grande barriga sob o cinto. Trazia as luvas brancas numa mão e batia com elas na outra. Como se as luvas o ajudassem a pensar. Para a frente e para trás, para a frente e para trás. Eu sustive a respiração. O alemão calçou as luvas e escolheu-me, a mim e a mais quatro miúdos. Eu segui-o, indiferente a tudo.

Lá fora, o sol do fim da tarde era quente. Estava a começar o verão. Uma luz intensa preenchia os espaços entre os blocos. Procurei o Avrum àquela luz forte. Perscrutei os terrenos da parada e vi uns camiões cobertos de lonas. Não sabia se levavam prisioneiros ou se estavam vazios. Nunca mais vi o Avrum. Nunca mais voltei a vê-lo.

O alemão das luvas brancas levou-nos para o bloco 8. No bloco 8, éramos bem tratados. Tínhamos comida a horas, as luzes apagadas, um duche diário, camas com cobertores e lençóis lavados. Era um local onde reinava a disciplina e o branco. Éramos 50 ou 60 crianças, com o Baba — o tio Volodya — a cuidar de nós: um homem gordo, de nariz gordo e voz gorda, com um grande lenço na mão. Gostava de viajar com o lenço sobre a calvície, *pat-pat-pat-pat*, mas também de limpar as lágrimas das crianças com ele. Era sobretudo à noite que ele limpava e afagava, por todo o lado. Eu permanecia em silêncio, quase sem me mexer, enquanto ele limpava e afagava. Mal respirava e mantinha a boca fechada.

Todas as manhãs vinha um médico ao bloco.

O médico tinha umas orelhas que pareciam antenas. Dizia: Bom dia, como estão, meninos? Depois, ria-se, com os seus dentes brancos, e eu via o ligeiro tremor das antenas. O médico escolhia um miúdo e ia-se embora.

Entretanto, o Baba Volodya afagava as crianças. Beliscava-lhes as faces e mandava beijos ao teto. As crianças trepavam para cima do Baba. Abraçavam-no. Diziam-lhe: Obrigado, Baba, obrigado. Obrigado pela comida tão boa, pelos lençóis lavados, pelo duche e a água quente.

Percebi que havia um padrão: as crianças que iam com o médico nunca mais voltavam ao bloco. As camas delas ficavam vazias. Não percebia o que se passava. As crianças saudáveis iam-se embora com o médico. As crianças rechonchudas saíam do bloco. As crianças de faces coradas não voltavam a dormir no bloco.

Pendurei-me no ombro do Baba Volodya e perguntei-lhe: Para onde vão as crianças, Baba? E porque é que nunca mais voltam para o bloco? O que é que se passa aqui, Baba? Hum? O Baba não me respondeu. Senti punhais na barriga. Senti que me faltava o ar que entrava pela janela aberta. Quando o médico chegava, eu fitava o Baba Volodya, fixava os meus olhos nele e não os desviava. Como se estivesse pendurado no ombro dele, ao longe; como se estivesse a dizer-lhe: És o meu pai, e não podes abandonar-me como o meu primeiro pai, ouviste? Só quando o médico se ia embora é que eu largava o Baba Volodya, respirando o mais fundo que conseguia.

Comecei a circular e a fazer perguntas.

Percorria todo o bloco e voltava para trás. Andava para a frente e para trás, a contar. Perguntava: Para onde vão as crianças? Para onde vão elas? Mas não obtinha resposta. Dirigi-me aos prisioneiros mais antigos. Sabia que eram dos primeiros pelos números que tinham na roupa, mas também pelo silêncio em que viviam. Não faziam perguntas, nem davam respostas. Estavam simplesmente ali, a fitar o vazio. Perguntei-lhes: Para onde vão o médico e as crianças? É para aquele edifício?

Um deles respondeu-me: Há um sítio especial para as experiências com os mais novos e outro para experiências com adultos. O médico e as crianças vão para o sítio das experiências com os mais novos.

Experiências? Que experiências?, indaguei. O que é isso? Explique-me. Não estou a perceber. Ele tinha uma infeção num olho, que purgava como uma lesma.

O homem olhou para mim sem me ver, como se estivesse a pensar em mim, até que, por fim, me disse: Vai-te embora, rapaz. Senti o sangue a pulsar impetuosamente nas minhas veias. *Tam-tam, tam-tam*. Outro homem, este de barriga inchada, que tinha ouvido a conversa, aproximou-se de mim. Senti o sangue a pulsar ainda com mais força.

O meu novo amigo disse-me: Tem cuidado. Eu nunca me aproximo desse sítio. As crianças são enfiadas numa panela com gás, tapada, como se faz com a sopa. E há outros casos. Algumas crianças são examinadas com um relógio, a ver quanto tempo conseguem sobreviver sem ar. Algumas aguentam muito tempo; outras não aguentam tempo nenhum. Morrem assim que o relógio começa a contar.

Bati com o pé no chão e voltei para o bloco a correr. Agarrei um rapaz de sardas pelo pescoço e disse-lhe, aflito: Rapaz, espera! O que significa o médico levar um rapaz e ele nunca mais voltar? Diz-me, é verdade que eles cozem o rapaz numa panela? Que o cortam?

O rapaz respondeu: Não sei, e desatou a correr como se eu tivesse um facalhão na mão. Porém, eu não desisti. Corri para o exterior, apanhei um prisioneiro baixinho, com saliva no queixo, e perguntei-lhe: Que experiências são aquelas? E porque é que as camas das crianças saudáveis ficam vazias?

Ele perguntou-me: Onde?

No bloco 8, balbuciei eu.

Ele sentou-se. E tu estás nesse bloco?

Dei-lhe uma palmada no ombro e gritei: Diz-me imediatamente o que se passa no meu bloco!

Ele enrolou a língua e respondeu: Eles injetam uma substância nas veias dos rapazes, com uma agulha, mas primeiro são muito simpáticos com eles. Depois, começam a contar, para ver quanto tempo é que a substância demora a chegar ao coração. Com alguns, demora três minutos. Com outros, um minuto. Com outros, ainda demora menos.

Mas fica sabendo que não dói nada morrer assim. Eles morrem bem ali, sem deixarem aquele cheiro horrível.

Perguntei-lhe: E quem é que diz um disparate desses? A criança que morre?

O homem respondeu: Não. Não é a criança que morre.

Fez menção de se ir embora, mas eu agarrei-lhe na camisa.

É o médico que diz?

Não.

Então quem é que diz que não dói? Quem é?

O prisioneiro virou costas e afastou-se.

Decidi fugir do bloco 8.

Ouvi dizer que estavam à procura de um cozinheiro para o campo das mulheres e disse ao Baba Volodya que era muito bom cozinheiro. Tira-me daqui e leva-me para o campo das mulheres. Tira-me daqui, Baba, por favor! Como se eu fosse teu filho. O Baba Volodya pôs um fósforo entre os dentes e mordeu-o com força. Eu não me mexi. Ele anotou o meu nome.

Depois disse-me: Espera. E eu esperei. Onde quer que estivesse, não tirava os olhos dele. Seguia-o com os olhos e esperava.

*Achtung! Achtung!* 55484, apresenta-te!

O meu coração parou de bater. Não sabia para onde iriam mandar-me, se para a câmara de gás dos judeus, para a panela das experiências ou para a cozinha do campo das mulheres. Gás. Cozinha. Panela. Gás. Cozinha. Panela. Cozinha. Cozinha. Senti a língua a secar momentaneamente. Senti um pânico imenso nas costas. Saí do bloco.

Levaram-me para uma estação de combustível e meteram-me na carruagem de um comboio. Fui levado de Buchenwald para o campo de Zeiss. Foi um dia inteiro dentro de um comboio de transporte de gado.



## **Um testemunho profundamente emocionante da barbárie dos nazis, contado por quem a sofreu.**

Estamos em 1944. Dov e Yitzhak, dois jovens irmãos judeus, vivem com a família numa pequena aldeia nas montanhas da Hungria. Isolados do mundo, têm conseguido escapar aos horrores da guerra.

Mas de repente tudo muda. Soldados húngaros aliados dos nazis invadem a aldeia e dão apenas uma hora à família para se despedir. Uma hora para seguirem para Auschwitz, onde cada um terá um destino diferente.

Os irmãos irão ter de suportar as condições extremas de um campo de extermínio de onde ninguém sai vivo, e de escapar às marchas da morte. Em cada página deste livro conseguimos partilhar a angústia diária de ambos na luta pela sobrevivência e sentir os limites do seu sofrimento físico e emocional. Todos os dias, todas as horas, todos os minutos das suas vidas, eles vão precisar um do outro para se salvarem, para superarem o trauma no pós-guerra e para poderem voltar a ser humanos.

Agora, décadas depois, os dois irmãos finalmente quebram o silêncio e contam a sua história, neste romance que não deixa espaço para a imaginação.

**Uma leitura que mexe connosco,  
mas que é obrigatória para não deixarmos  
que a História se repita.**

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-490-2



9 789895 644902

Romance Histórico